BOLETIM DA AdUFRJ
ANO IV Nº 172 | 18 DE ABRIL DE 2019

EM DEFESA DA DEMOCRACIA **E DO ENSINO SUPERIOR GRATUITO**

OBSERVATÓRIO DO CONHECIMENTO

www.observatoriodoconhecimento.org.br

DA REDAÇÃO
comunica@adufrj.org.br

Idealizado pela AdUFRJ e organizado por 13 sindicatos de professores de universidades federais e estaduais, o Observatório do Conhecimento foi lançado em Brasília, na noite de terça-feira, na Câmara dos Deputados. Dezenas de docentes, parlamentares e estudantes participaram do evento. O objetivo da nova rede é monitorar as políticas públicas para o ensino superior, coletar dados do setor, denunciar cortes e defender a liberdade de cátedra nas universidades públicas.

Segundo os primeiros levantamentos do Observatório, a estrutura brasileira de produção do conhecimento perdeu R$ 38,7 bilhões em cinco anos. Se mantidos os valores para 2019, o orçamento será 65% menor do que o orçamento de 2015, representando uma perda de R$ 7 bilhões.

Os cortes têm afetado sobretudo as agências de fomento, o que prejudica diretamente a continuidade das pesquisas no país. Estudo elaborado pela organização norte-americana *Clarivate Analytics* e encomendado pela Capes mostra que as universidades públicas produzem 99% da ciência no Brasil.

"Estamos mobilizados para enfrentar a falta de sustentabilidade no orçamento do ensino superior e va mos denunciar práticas de perseguição ideológica contra professores e estudantes", afirmou a professora Lígia Bahia, diretora da AdUFRJ. "De forma suprapartidária, vamos monitorar as propostas sobre o ensino superior das bancadas parlamentares e os planos apresentados pelo MEC".

Vinte parlamentares de oito partidos participaram do evento no plenário 16 da Câmara. "Os cortes são continuidade de um processo de desmonte, mas agora têm um agravante, que é a negação da ciência como política", disse a deputada Sâmia Bonfim (Psol-SP).

Para Alessandro Molon, do PSB-RJ, a redução orçamentária não tem a ver com contingenciamento de gastos. "Os gastos com publicidade governamental, por exemplo, cresceram 63% em relação ao mesmo período do ano passado". E completou: "A criação do Observatório do Conhecimento é uma iniciativa extremamente acertada. Vai na direção daquilo que a sociedade brasileira precisa".

Já Natalia Bonavides (PT-RN) falou sobre a importância de defender a ampliação do acesso às universidades. "Quem é do Nordeste não tem como não se indignar com as ameaças à educação superior pública. Muitas pessoas tiveram suas vidas totalmente modificadas por conta do acesso à universidade", disse a parlamentar.

LIBERDADE ACADÊMICA

O Observatório também vai monitorar tentativas de cerceamento à liberdade de cátedra. "Iniciativas como o PL da 'Escola Sem Partido' ajudam a popularizar o mito da "doutrinação' nas universidades, desviam o foco dos verdadeiros problemas e abrem precedentes perigosos para a institucionalização da censura e da vigilância", apontou Wagner Romão, presidente da ADUnicamp.

Para Edeson Siqueira, presidente da Associação de Docentes da UFPE, o Observatório amplia o diálogo com a sociedade civil. "Precisamos mostrar para a sociedade a relevância da universidade pública para o desenvolvimento social, econômico, científico e para a formação de capital humano". "Escolhemos estar aqui no Congresso Nacional, esta instituição fundamental para a democracia, porque achamos que os deputados e senadores são e serão nossos aliados nessa empreitada", concluiu a presidente da Adufrj, professora Maria Lúcia Werneck.

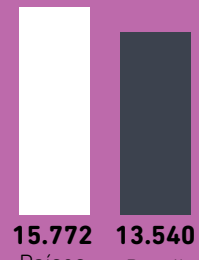
MOTIVOS PARA DEFENDER A EDUCAÇÃO SUPERIOR PÚBLICA

● Das **20 universidades** que mais produziram pesquisas científicas, nos últimos **8 anos**:



MÉDIA DE INVESTIMENTO ANUAL POR ALUNO (US$):

● O Brasil investe **menos** em educação superior do que os países desenvolvidos



CORTES NO ORÇAMENTO DO CONHECIMENTO



Capes quer aumentar bolsas

SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

O professor Anderson Ribeiro Correia, presidente da Capes, esteve no Centro de Ciências da Saúde, dia 11, em reunião com coordenadores de pós-graduação da UFRJ e representantes do Conselho de Ensino para Graduados. Voz dissonante no atual governo, o docente afirmou ser uma "falácia" que o país investe mais em ensino superior do que em educação básica. "Se formos contabilizar todas as contrapartidas que a universidade devolve ao sistema de ensino básico, esse valor supera de longe o que é investido".

Correia destacou a excelência acadêmica da instituição em todas as áreas do conhecimento. "A UFRJ é uma das melhores do mundo. Está no topo em produção de conhecimento. É responsável em grande medida pelas pesquisas no Brasil", disse.

O presidente da Capes também reconheceu que as bolsas de mestrado e doutorado estão defasadas. "Se eu conseguir aumento no meu orçamento, seja via MEC, seja via Congresso, vou aumentar as bolsas", garantiu. Ele também disse que não haverá mudanças nos processos de avaliação em curso, apenas na próxima quadrienal. E admitiu o excesso de burocracia nas avaliações e liberações de recursos para pesquisa. "Já estive do lado de lá e sei que o sistema é realmente muito amarrado".

Antes de ser indicado à presidência da Capes, Correia foi reitor do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). O professor afirmou ser favorável às cotas raciais e a políticas de gênero nas universidades. "Fui o primeiro reitor a implantar cotas raciais no ITA. A Capes respeita a autonomia das universidades públicas na implantação de políticas de ações afirmativas e de gênero", completou.

O presidente da Capes concedeu uma entrevista exclusiva para o **Boletim da Adufrj**. Confira a seguir:

EXCLUSIVO! ENTREVISTA | ANDERSON RIBEIRO CORREIA PRESIDENTE DA CAPES

"O MINISTRO TEM LARGA EXPERIÊNCIA"

SILVANA SÁ



■ **Adufrj: O senhor já se reuniu com a nova equipe do MEC?**

● **Anderson Ribeiro Correia:** Sim. Eu já conhecia os dois, tanto o Abraham (Weintraub) quanto o Vogel (Antonio Paulo Vogel de Medeiros), que são o número um e o número dois do MEC. Eu já tive interações com eles tanto na transição quanto agora, depois da nomeação.

■ **São pessoas com quem o senhor tem livre trânsito?**

● Tenho. O Vogel, que é o secretário executivo, já me recebeu em casa, inclusive, para tratarmos de assuntos relativos à pasta.

■ **Alguns setores da Academia ficaram preocupados com os perfis escolhidos para o MEC: economistas sem experiência ou especialização em Educação. Como o senhor avalia os novos quadros?**

● O ministro da Educação é professor concursado da Unifesp. Ele passou por um crivo, está lá há mais de cinco anos. Tem larga experiência em gestão, com mais de 20 anos atuando em cargos de direção. Ele estava na secretaria-executiva da Casa Civil, era o número dois do principal ministério do país. Ele não é um *outsider*. É uma pessoa que tem conhecimento de causa. A maior parte dos ex-ministros da Educação era professor universitário, como Fernando Haddad, Paulo Renato, Cristovam Buarque, Renato Janine Ribeiro. Ele está bem posicionado no cargo dele. O secretário-executivo, que é o Vogel, tem também uma larga experiência em gestão. O secretário-executivo cuida da gestão do MEC e ele trabalhou em vários cargos do Executivo federal. Ele tem capacidade para gerir o MEC.

■ **Então não precisa ter conhecimento em Educação para atuar no MEC?**

● Não. O secretário-executivo cuida de bastidores, apoia o ministro na gestão, interage com outras secretarias. Ele está bem posicionado e pode ter assessores que o apoiem na área de educação. A gente precisa, primeiro, avaliar como será o ministério e não criticar apenas. É uma equipe. Essa composição de perfis é que vai fazer o MEC caminhar pra frente.

■ **E o senhor permanece à frente da Capes?**

● Isso. Estou lá na Capes.

Sem reajuste nem reposição de quadros

ANA PAULA GRABOIS
anapaula@adufrj.org.br

O governo federal vai bloquear concursos e reajustes ao servidores públicos no ano que vem, segundo a proposta de Orçamento enviada na segunda-feira (15) ao Congresso. As restrições atingem os professores universitários.

De acordo com o secretário-adjunto da Fazenda do Ministério da Economia, Esteves Colnago, "a premissa neste momento é a não realização de concurso público", ao fazer a apresentação do texto. Os reajustes deverão se limitar aos militares – o projeto do governo prevê a reestruturação da carreira militar, anunciada em março.

A previsão do Orçamento de 2020 indica que as despesas com os servidores públicos passariam de R$ 326 bilhões em 2019 para R$ 338,1 bilhões no ano seguinte, passando de 4,46% para 4,29% do PIB.

Para o secretário-executivo da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), Gustavo Balduíno, a não previsão de concursos "vai comprometer o funcionamento acadêmico e administrativo das universidades porque professores e técnicos se aposentam, se exoneram, falecem". Balduíno disse que a previsão de Orçamento para o ano que vem não inclui a reposição de professores ou técnicos.

Na avaliação do secretário-executivo da Andifes, o quadro de déficit de docentes e servidores administrativos pode ficar mais grave se a proposta da Reforma da Previdência passar, pois haverá um aumento considerável do número de aposentadorias, como ocorreu em reformas anteriores nas gestões FHC e Lula.

Além da congelar reajustes e concursos para 2020, o governo editou decretos em 2019 que afetam as atividades do funcionalismo. Um deles extingue funções gratificadas em geral, abrangendo 8 mil funções nas instituições federais de ensino. Outro decreto proíbe concursos a partir de junho de 2019, mas exclui os docentes e outras categorias.

A Andifes terá uma reunião na semana que vem no MEC com o novo secretário de Educação Superior, Arnaldo Barbosa de Lima Júnior, para tratar desses assuntos.

Na UFRJ, segundo o pró-reitor de Pessoal, Agnaldo Fernandes, dois editais de concurso estão em andamento - um relativo a 2017 e outro de 2019 anterior ao decreto.

Para o diretor da AdUFRJ Eduardo Raupp, a não previsão orcamentária de concursos para técnicos e professores em 2020 é preocupante ainda mais porque não inclui a reposição no quadro de profesores ou técnicos.

"Fora a questão da recomposição salarial comprometida, pauta colocada pelo Andes, existe a necessidade de contratações. A não reposição de professores e técnicos pode afetar a qualidade do ensino e da pesquisa", afirmou Raupp. Os docentes, neste caso, teriam que suprir a falta dos que se aposentaram nas salas de aula, o que pode comprometer a pesquisa.

A proposta de Orçamento de 2020 será analisada pela Comissão Mista de Orçamento do Congresso, na qual receberá um parecer e emendas. Depois, será votada em plenário até 17 de julho.

DOCENTE DA EBA É ASSALTADA NO ESTACIONAMENTO

JULIA NOIA
julia@adufrj.org.br

■ Na manhã de segunda-feira (15), um assalto voltou a assustar a comunidade da UFRJ. Patrizia di Trapano, professora da EBA, foi assaltada e sofreu um sequestro relâmpago no estacionamento da Reitoria. A docente foi levada pelos bandidos até a Linha Amarela, onde foi libertada. Os criminosos roubaram o carro – um Honda HR-V marrom –, a aliança e o relógio de pulso, ambos de ouro. Até o fechamento desta edição, eles não haviam sido presos.

O crime ocorreu quando Patrizia chegava à Reitoria para uma reunião, às 10h. Ao estacionar, uma SUV branca parou logo atrás. Quando a professora saiu do carro, dois homens com armas curtas a abordaram, enquanto outros três, com armas maiores, acompanharam a ação do outro veículo. Logo em seguida, a professora foi forçada a entrar na SUV. Alguns dos assaltantes levaram seu carro na frente, seguindo pela portaria 3, em direção à Linha Amarela. Os assaltantes estavam com máscaras ninja e se comunicavam por rádio com outros, que estariam vigiando a saída do campus. "Eles disseram: 'A gente vai soltar a senhora quando sair do campus. Assim, a senhora não dedura a gente para a polícia antes da gente sair do Fundão", contou Patrizia. A professora registrou a ocorrência na 37ª DP, na Ilha. Lá, mais um transtorno para a vítima. Sem sistema, o boletim foi feito em papel. O documento só computado mais de 24h depois do assalto.

A professora manifestou indignação com a falta de tranquilidade no campus, acreditando ser decorrente do corte de verbas. "Não tem dinheiro, corta na segurança", criticou. "O estacionamento está largado às traças. Tudo acontece no Fundão e não tem um policiamento efetivo", ressaltou.

Por meio da assessoria, o prefeito universitário Paulo Mario Ripper afirmou que só poderia se pronunciar sobre o assalto após o feriado da próxima terça-feira (23).

Adufrj celebra 40 anos de resistência

> Comemoração resgata história do movimento docente na universidade com exposição fotográfica na Praia Vermelha

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrj.org.br

Fotos vão contar a luta dos professores da UFRJ em defesa da universidade pública e dos direitos democráticos no Brasil. A retrospectiva fotográfica será um dos atrativos da celebração pelos 40 anos da Adufrj. A exposição será inaugurada no dia 26 de abril, data de aniversário da associação, durante cerimônia no salão Pedro Calmon e no Átrio do Palácio Universitário, no campus da Praia Vermelha, a partir das 16h. O encontro vai reunir diferentes gerações que estiveram à frente da associação docente.

Diretora da Adufrj e professora do Instituto de História, Maria Paula Nascimento frisa que "o período entre 1979 e 1988 foi marcado pela fundação de diversas associações docentes, como a Adufrj, que faziam parte de um quadro mais amplo de ações e de organização de movimentos sociais de oposição à ditadura". Entre as mobilizações mais expressivas, a docente destaca as lutas pela anistia radical, contra a tortura e a carestia. "A Adufrj e, depois de fundado, o Andes, encamparam as Diretas Já e todas as mobilizações pela transição democrática", completa. "Tudo isso", acrescenta a docente, "culmina mais tarde no processo que permitiu a incorporação das diferentes modalidades de direitos, como os direitos das crianças ou dos indígenas, presentes na Constituição de 1988".

Para Maria Paula, o momento político do país reforça a importância do resgate da memória de resistência. "É fundamental marcar nossa presença social nessa história, que hoje o governo tenta apagar. Importante não só como estudantes ou professores, mas como cidadãos", argumenta. "Lembrar da nossa história nos dá um horizonte. E mostra a Adufrj não como uma entidade qualquer, como as beneficentes, mas como uma entidade de caráter político nítido de defesa da democracia e dos direitos".

MARCA COMEMORATIVA

A Adufrj ganha um selo especial em comemoração aos quarenta anos. A marca criada pelo designer André Hippert, atualiza a logo da entidade. "Toda concepção cromática é baseada no diferencial do símbolo da Adufrj, sua letra 'D', de 'docente'", explica o artista. Moderno e delicado, o logotipo estampará camisetas, banners, brindes e as placas que homenagearão os ex-presidentes da associação docente durante a cerimônia do dia 26. Também será utilizado em produtos e brindes da entidade até o próximo aniversário.

COMEMORE COM A GENTE

Vamos celebrar os **40 anos da Adufrj** numa cerimônia simples, mas animada, no dia 26 de abril, sexta-feira, 16h, no Campus da Praia Vermelha, no Salão Pedro Calmon e no Átrio do Palácio Universitário. Durante o evento, haverá uma homenagem aos ex-presidentes da Adufrj e uma exposição sobre nossa História.

Sua presença é muito importante.

REDAÇÃO: COORDENAÇÃO ANA BEATRIZ MAGNO /// **EDIÇÃO** ANA PAULA GRABOIS E KELVIN MELO ///
REPORTAGEM ELISA MONTEIRO E SILVANA SÁ /// **ESTAGIÁRIAS** GIULIA VENTURA E JULIA NOIA /// **DESIGN** ANDRÉ HIPPERTT ///
TI EDUARDO VALDOSKI /// **DIRETOR RESPONSÁVEL PELA COMUNICAÇÃO** PROFESSOR FELIPE ROSA